

STATUS, PODER E PERTENCIMENTO NA SOCIEDADE IGBO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA NARRATIVA LITERÁRIA DE CHINUA ACHEBE (ÁFRICA OCIDENTAL, SÉC. XX)¹

Luiza Ferreira da Silva², Prof.^a Dr.^a Cláudia Mortari³

¹Vinculado ao projeto “Modos de Ser, Ver e Viver: o mundo Igbo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, século XX)”

²Acadêmica do Curso de História Bacharelado – UDESC/FAED – Bolsista PROBIC/UDESC.

³Orientadora, Departamento de História – UDESC/FAED – claudiammortari@gmail.com

A presente comunicação tem como objetivo tratar sobre as questões que têm sido desenvolvidas no âmbito da pesquisa “Modos de ser, ver e viver: o mundo Igbo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc. XX)”, vinculada ao AYA Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais (UDESC/FAED). Entre as questões nos debruçamos em identificar na obra *A Flecha de Deus* (*Arrow of God* - 1964) e entrevistas concedidas pelo autor durante o período de 1988 a 2008 os sentidos atribuídos as noções de status, poder e pertencimento na sociedade igbo no contexto do colonialismo inglês.

A produção de Achebe não pode ser dissociada de sua trajetória de vida como crítico literário, professor, escritor e filho de pai missionário, se constituindo enquanto pessoa atravessada por estes diversos aspectos em vida, tanto em África, como fora dela, que estabeleceu um *loci* de enunciação (MIGNOLO, 2013) de crítica à colonialidade. O momento de escrita da obra *A Flecha de Deus* remete à formação superior do autor, no período de pós-independência da Nigéria. Achebe afirma em uma de suas entrevistas que muitos dos autores que leu durante este período eram europeus e perpetuavam olhares negativos sobre as Áfricas, isso o fez questionar o espaço que as literaturas escritas por africanos ganhavam, logo sua proposta na escrita também passa a ser intencionalmente subverter essas noções, através de um “equilíbrio das histórias” (MORTARI, 2017).

A obra *A flecha de Deus* trata do contexto do colonialismo inglês na região da Nigéria da primeira metade do século XX, através de uma estrutura colonial dos espaços de “indirect rule” (M’BOKOLO, 2011, p. 452-453), onde as instituições já estabelecidas para implementação das organizações coloniais nos espaços de dominação inglesa eram aproveitadas. Achebe afirma que “a visão mundial do igbo é basicamente uma visão de mundo da mudança. [...] o Igbo viu os europeus e o poder que eles tinham e ouviram o que eles pregavam; eles somaram dois mais dois juntos e disseram: você sabe, essas pessoas são tão poderosas, deve haver algo no que eles acreditam” (ACHEBE, 1989). Podemos entender que o autor aponta a noção de pertencimento a partir da agência dessas pessoas no espaço de interação, não de subalternidade como muito se tenta configurar as histórias de pessoas africanas, mas sim de relação de contato mútuo entre os grupos, característica que também traz para sua literatura (MORTARI, 2017). A obra trata principalmente sobre questões que versam sobre a presença dos missionários e a religião cristã em contato com os saberes tradicionais

igbos, no contexto da primeira metade do século XX. Podemos perceber através de suas entrevistas que a relação de Achebe com a religião católica foi bem próxima durante sua infância (ACHEBE, 1989b, p. 101). O autor afirma em entrevista de 1989: “Eu estava certamente ciente da curiosidade sobre as coisas não cristãs que estavam acontecendo na minha comunidade, e não estava realmente convencido de que, por serem não cristãs, elas eram, portanto, más, ou malignas” (ACHEBE, 1989b, p. 101. Tradução nossa). Essa relação com a religião pode ser vista a partir de dois personagens principais da literatura, Ezeulu, o sumo sacerdote da aldeia que se passa a história, e seu filho Oduche, que é mandado por seu pai a participar da igreja do homem branco. Como sumo sacerdote, uma posição de liderança do grupo, Ezeulu se vê em uma relação com os grupos entorno da aldeia, bem como os missionários católicos. Ezeulu manda seu filho participar dessa religião, mesmo com certa desconfiança do grupo, como explicita na seguinte passagem: “o que aconteceria se, tal como muitos oráculos profetizaram, o homem branco tivesse vindo para assenhorear-se da terra e governá-la? Neste caso, seria mais sábio ter um homem de sua família do lado de lá” (ACHEBE, 2011, p. 64), e Oduche mesmo recusando de primeira, aceita a integração ao novo grupo. Um dos conflitos do livro ocorre a partir dessa relação de Oduche com a nova religião, onde a partir de um pedido do pastor da igreja de matar um jibóia, que era símbolo de união das aldeias e por isso sagrada para os igbos, mas que pela visão católica representava o mal. Este conflito pode ser entendido como uma forma de Achebe de demonstrar o rompimento de alguns ideais de pertencimento dos igbos, a partir da chegada dos colonizadores, pois o questionamento de um dos símbolos, mesmo que fictício, de união daquela aldeia pelos próprios igbos pode ser visto como uma mudança dessas necessidades de pertencimento.

As relações entre essas duas personagens também sofre uma mudança, pois na narrativa Oduche acaba não matando a cobra, mas a sua intenção é descoberta pela aldeia que reivindicam à seu pai, que tem a posição de liderança dentro do grupo, a tomada de decisão sobre o que fazer a partir do crime cometido pelo garoto. Este conflito pode ser visto como a noção de status entre em conflito com a noção de pertencimento, já que com o status de Ezeulu dentro da aldeia, a tomada de decisão sobre o que fazer com o filho entra em embate com as novas noções de pertencimento de Oduche, onde as necessidade das duas personagens partes de espaços de experiências agora diferentes a partir do marco colonial na vida dessas pessoas.

Os usos da literatura como fonte e como perspectiva metodológica para ler a história Chalhoub (2003, p.17), a partir da literatura de Achebe e suas intencionalidades na escrita, contribuem para uma escrita da história que tem como vontade “trazer essa outra história que não estava sendo dita, trazê-la à existência, colocá-la entre as histórias e deixá-la interagir” (ACHEBE, 2010. Tradução nossa). Em consonância com Conceição Evaristo, a literatura abre espaço para o preenchimento dessas lacunas deixadas pela escrita da história, principalmente as histórias de grupos subalternizados pela colonialidade (EVARISTO, 2005, p. 223). A partir disso, a literatura de Achebe contribui para o ampliamto dessas narrativas no campo dos estudos africanos, que surgem com e a partir de pessoas intencionalmente posicionadas na produção de saberes não hegemônicos.

Palavras-chave: História de África; literatura; pós-colonial;